

KARMA, ORDEM E LIBERDADE

John Algeo

(Presidente da Seção Norte-americana da Sociedade Teosófica)

(The Theosophist, fev. 1999)

Em 1882 o Mestre K.H. escreveu uma longa carta a A.P. Sinnett (n.68, cronologicamente), na qual fez uma notável afirmação. Disse: "*Você não pode fazer nada melhor do que estudar as duas doutrinas - a do Karma e a do Nirvana - tão profundamente quanto possa. A menos que você conheça muito bem as duas... você sempre estará ao léu tentando compreender o resto.*" De todos os ensinamentos da Sabedoria Antiga, porque o Mestre menciona estas duas - *Karma* e *Nirvana* - como as principais?

O Mestre M. também referiu-se à importância destes dois conceitos (na ordem cronológica carta n.46) quando comparou o "*mistério do Nirvana com a existência objetiva*" a qual abandonamos quando atingimos o estágio do budado. Naturalmente, a esfera da "*existência objetiva*" é o campo no qual opera o *Karma*. Estamos agora neste mundo, nesta condição de "*existência objetiva*", governados pelo *Karma*, e parece que permaneceremos aqui muito tempo, até que tenhamos atingido o estado de budado e possamos passar para o *Nirvana*. Assim, faremos do *Karma* o primeiro assunto de nosso estudo.

Certamente o *Karma* pode nos parecer como "*uma roupa usada*". Sabemos tudo sobre ele. Afinal de contas, a palavra *Karma* foi apresentada ao uso comum no mundo ocidental pelos teósofos. O maior dicionário da língua inglesa, e talvez o maior dicionário do mundo, é o *Oxford English Dictionary*. Em sua mais recente edição ele é composto de vinte enormes volumes que traçam a história de todas as palavras da língua inglesa desde seu surgimento até os dias atuais.

A palavra *Karma* apareceu primeiramente em inglês em alguns trabalhos técnicos como as "*Atas da Real Sociedade Asiática*" e em outras descrições de estudo em budismo e hinduísmo. Mas, o primeiro uso comum da palavra *Karma* em inglês foi por A.P. Sinnett em seu primeiro livro teosófico *O mundo Oculto*. E o primeiro uso registrado em inglês do adjetivo "*Kármico*" foi também por Sinnett em seu segundo livro "*Budismo Esotérico*".

A importação teosófica da palavra *Karma* teve tanto sucesso que ela começou a ser usada no mundo ocidental, muitas vezes de maneira surpreendente. Há alguns anos a tira cômica, de um jornal, intitulada *Fox Trot* mostrava dois rapazes jogando dados. O rapaz que devia jogar os dados estava demorando muito sacudindo-os e dizendo "*Apareça sete, apareça sete, sete, sete*". O outro rapaz, impaciente com o atraso, disse: "*Joga logo*", e o primeiro retrucou: "*Por favor! Você está atrapalhando meu Karma*".

Outro exemplo é a notícia de jornal sobre dois irmãos da Califórnia que estão ensinando uma maneira calma e meditativa de dirigir um automóvel, na esperança contrapor-se à impaciência nas auto-estradas. O artigo do jornal dizia: "*Seja um Buda ao volante*", aconselhavam eles aos motoristas que se comportavam como rambos e perturbavam o bom *Karma* da estrada.

Atualmente *Karma* é uma palavra comum em inglês, usada por pessoas com pouco ou nenhum conhecimento da cultura indiana ou de Teosofia. Porém, os teósofos iniciaram este uso. Já que nós, teósofos, temos uma espécie de reivindicação sobre uso da palavra *Karma* no

ocidente e uma responsabilidade por este uso, pensamos que sabemos tudo sobre ele. Sabemos que Karma é a lei da compensação, a lei da retribuição, a lei da recompensa e punição. Mas, se isto é tudo que sabemos sobre o Karma, talvez não saibamos muito.

Annie Besant disse que a Teosofia é um mar com baixios que uma criança pode transpor e profundidades nas quais até um gigante deve nadar. Não há nada de errado em ver o *Karma* como a lei da recompensa e punição. Mas esta visão é bastante infantil. É uma visão de Papai Noel do *Karma*, como algo que sabe quando formos bons ou maus, e como disse uma popular canção de Natal: "*Por favor! Devemos ser bons.*"

Mas há mistérios sobre o *Karma*, complexidades que nos tiram dos baixios para as profundidades do mar teosófico. Aqui podemos apenas abordar com brevidade dois aspectos do mais profundo mistério: o relacionamento do *Karma* com a ordem e a liberdade.

Karma como Ordem

O primeiro dos mais ocultos e misteriosos aspectos do *Karma* é a pergunta de que se a idéia do *Karma* como ordem moral é de fato confirmada por nossa experiência. De maneira simplificada, a idéia do *Karma* como ordem moral é que quando praticamos o bem, temos bons resultados; e recebemos o mal por iniquidade. É uma garantia que consola: se simplesmente nos comportamos bem, nunca nada desagradável nos acontecerá.

Mas na realidade, esta consoladora garantia confirma-se em nossas vidas ou em nossa observação das vidas de outros? Que se pode dizer sobre os gangsters e os tiranos que, pelo menos na aparência, terminam suas vidas com conforto e satisfação, isto é, que são recompensados a despeito de más ações? Na verdade, devemos supor que as aparências enganam e que os malandros realmente são atormentados por meios que não podemos avaliar, ou então que em vidas futuras receberão sua punição. Mas, e as vítimas de terremotos e tornados, de ódios étnicos e terrorismo? É difícil supor que sua aparência de sofrimento é ilusória ou que eles tenham pecados secretos ou fraquezas em vidas passadas que mereçam suas experiências aterrorizantes. De fato, o conceito simples do *Karma* como um princípio de ordem moral, recompensando o que for bem feito e punido o mal, não encontra muito apoio de nossas observações do mundo que nos cerca. Certamente no Velho Testamento Jó não teve este princípio operando em sua vida.

Então, o princípio do *Karma* é falso? Ou simplesmente, descobrimos nossas profundidades ao refletirmos sobre isto de uma maneira ingênua? Se formos pensar seriamente sobre a doutrina do *Karma*, devemos reconhecer também a doutrina complementar, isto é, as dos "campos do *Karma*". Mas o que queremos dizer com "campo do *Karma*"? Talvez este conceito possa ser melhor explicado com uma alegoria.

Suponhamos que eu goste muito de comida indiana, especialmente da apimentada e quanto mais apimentada, mais apreciada. Ora, faço uma deliciosa refeição bem temperada e logo após começo a sentir dores estomacais terríveis. Suponhamos também que meu estômago possa falar. O que ele vai dizer? Deve dizer algo assim: "*Porque tenho estas dores terríveis? Não fiz nada de errado. Sempre fiz o que me cabia. Obedientemente digeri tudo que me deram, mas justamente porque agi corretamente e cumpri com meu dever estou sofrendo esta dor de estômago. Tudo é culpa desta maldita língua que gosta de saborear temperos. Porque devo sofrer pelos desejos desta língua?*"

E a língua deve responder: "*É verdade, desejei provar os temperos, mas eu também estou sofrendo porque os temperos me queimaram e deixaram um terrível ressaibo. Realmente, não é minha culpa. Embora eu quisesse os temperos não fiz nada para obtê-los. A mão os pôs em minha boca. Tudo isso é culpa da mão, e esta desgraçada mão não está sofrendo nada apesar da má ação que praticou. Concordo, não há justiça no mundo!*" E a mão deve responder: "*Não ponha toda a culpa em mim! Apenas fiz o que me disserem para fazer. Não tenho prazer vendo a língua saborear ou o estômago digerir estes temperos. Sou um espectador inocente que somente faz o que lhe é pedido. Certamente é injusto me responsabilizar pela dor que os outros possam sentir. Concordo, não há justiça no mundo!*"

O estômago, a língua e a mão estão certos sobre a falta de justiça no mundo? Ou estão enganados porque seu campo de visão é muito limitado? O que devemos chamar de *campo do comer* não está limitado à mão que põe alimento na boca, ou à língua que saboreia, ou ao estômago que o digere. Mão língua e estômago, cada um tem seu papel no processo total ou *campo do comer*. Mas este campo inclui também muitos outros órgãos: os dentes, o esôfago, os intestinos, o sangue, as artérias e veias, o coração, os nervos, o cérebro, etc. O *campo do comer* é o corpo inteiro, cada uma de suas partes tem algum papel neste processo. Como o *campo do comer* é todo o corpo, com seus vários órgãos comprometidos de diversas maneiras, da mesma forma os resultados do comer influenciam o corpo inteiro, afetando seus órgãos de várias formas.

De forma semelhante, eu e você não estamos separados, entidades isoladas que são independentes uma da outra em nossas ações. O primeiro princípio da Teosofia, quer pensemos nos Três Objetivos da Sociedade ou nas Três Proposições Fundamentais de *A Doutrina Secreta* (1) é que no final de contas há somente uma vida no Universo. Todos os seres aparentemente separados são participantes desta vida. Há somente um campo de vida. Consequentemente, o que quer algum de nós faça, de alguma maneira afeta todos os outros.

Compartilhar todas nossas ações e consequentemente de todos os resultados de nossas ações, foi chamado por H. P. Blavatsky em *A Chave para a Teosofia* (2) de *Karma distributivo*:

"Entre os teósofos é considerada uma verdade que a interdependência da Humanidade é o motivo daquilo que é chamado Karma distributivo, e é esta lei que permite a solução da grande pergunta sobre o sofrimento coletivo e seu alívio. Além disso, é uma lei oculta que nenhum homem possa elevar-se acima de seus fracassos individuais sem elevar, mesmo que muito pouco, o corpo inteiro do qual ele é uma parte integral. Da mesma forma, ninguém pode pecar ou sofrer os efeitos do pecado sozinho. Na realidade, não há esta coisa de "Separatividade".

O *Karma distributivo* refere-se à ação cujos resultados são distribuídos para várias partes de um todo, este todo sendo o "*campo de Karma*" para estas ações. O fato de que todos os seres humanos compõe um campo de *Karma* foi declarado anteriormente pelos Mestres em cartas das quais é a citação que fez H. P. Blavatsky em sua mensagem para a Convenção de 1889 da Seção Americana:

"Não sejam o fruto do bom Karma, mas sejam seu motivo; porque seu Karma, bom ou mau, sendo um e propriedade comum de toda Humanidade, nada bom ou mau pode lhes acontecer que não seja compartilhado por muitos outros... Querem compartilhar da Sabedoria Divina e ser verdadeiros teósofos? Então façam como os deuses fazem quando encarnados: Sintam-se veículos de toda a Humanidade e os homens como parte de si mesmo, e ajam de acordo com isto". (3)

Embora hajam menores campos locais de *Karma* que envolvem uma única pessoa ou um único indivíduo conforme este indivíduo encarna-se como muitas pessoas, também existem maiores campos de *Karma*. Podem ser facilmente reconhecidos os *Karmas* de família, os *Karmas* de comunidade ou os *Karmas* nacionais. Mas também há um campo de *Karma* para todos os seres humanos, um *Karma* da espécie humana, bem como os campos de *Karma* para o planeta inteiro com todas suas vidas, para o sistema solar, para a Via Láctea, nossa super-galaxia, e finalmente o do próprio grande Cosmos em toda sua imensidade e variedade. Há uma realidade, uma vida. E este é o verdadeiro campo do *Karma*.

De fato, é bem conhecida a idéia de que o *Karma* não está limitado a uma encarnação, a uma personalidade, mas é fragmentado durante muitas encarnações do mesmo indivíduo e, embora bastante simples, é uma das principais razões para a ampla aceitação da idéia do *Karma*. Contudo assim como nossas personalidades não estão separadas uma das outras, mas estão todas conectadas como expressões da mesma individualidade que reencarna, da mesma maneira nós, como individualidades, também não estamos separados. Nossas individualidades são todas expressões da mesma Unidade, da mesma Mônada, uma só Consciência. E assim como o campo de nosso *Karma* pessoal é cercado pelo campo de nosso *Karma* individual, assim também é nosso *Karma* individual cercado pelos campos maiores do *Karma*, estendendo-se sobre todos os outros grupos dos quais somos uma parte, até o maior de todos estes grupos, que consiste de todos os seres, em qualquer lugar e em todos os tempos.

Na realidade o *Karma* é o princípio da ordem. Mas é a ordem que não se aplica meramente a você e eu em nossas limitadas personalidades. Como diz HPB em *A Chave para a Teosofia*, o Karma é a Super Lei do Universo, a fonte, a origem e o motivo de todas as outras leis que existem na Natureza. E o princípio máximo da ordem.

Karma como Liberdade

O segundo dos profundos e misteriosos aspectos do *Karma* é a indagação de se o *Karma* permite qualquer oportunidade para ação independente. Se, como William Q. Judge disse em seus Aforismos sobre o *Karma* (4), o *Karma* é invariável e infalível e "age incessantemente", há então alguma possibilidade para as opções e incertezas que a escolha e o livre arbítrio exigem? Se pudermos ter uma escolha livre, devem haver alternativas para esta escolha, nem tudo pode estar determinado pelo passado e deve haver uma incerteza sobre a escolha que faremos - o futuro não pode ser completamente previsível. Assim, é precisamente a idéia de uma lei universal o que com certeza a determinará.

Posso lembrar muito bem que eu, como jovem teósofo, fiquei perplexo com este assunto. Se toda causa tem um efeito inevitável, que por sua vez torna-se outra causa para um efeito conseqüente, parece que toda vida está predeterminada pela causa que primeiro opera. Tudo que sempre foi ou que será parece ser o resultado direto ou indireto da primeira ação no Cosmos. E isto significaria que eu não poderia ser livre. Ainda assim, o anterior Presidente da Índia, S. Radhakrishnam, escreveu (conforme citado por Chistmas Hunphreys em *Karma e Renascimento*): "Liberdade e *Karma* são dois aspectos da mesma realidade." E, como diria o Rei de Sião, isto é um quebra-cabeça.

Assim como o primeiro, talvez este enigma seja o resultado de andar nos baixios. Sua solução está um pouco mais longe nas profundidades. A solução envolve reconhecer que somos espiritualmente criaturas anfíbias: vivemos simultaneamente em dois mundos. Um destes mundos é o mundo no qual o *Karma* é a lei natural fundamental. Isto é, o mundo do *Samsara*, o

mundo da existência objetiva, do nascimento e morte, da causa e efeito. O outro é o mundo do *Nirvana*. E o *Nirvana* não é regido pelo *Karma*, mas por uma lei diferente, o *Dharma*.

A palavra *Dharma* significa muitas coisas, mas aqui queremos contrastá-la com *Karma*. A palavra *Karma* origina-se de uma raiz que significa "fazer ou formar"; é o que nós fazemos neste mundo, o "sendo". A palavra *Dharma* origina-se de uma raiz que significa "segurar ou suportar"; é o que nós somos no outro mundo do "Ser".

Karma é fado, o qual construímos por nós mesmos no passado; *Dharma* é destino que aguarda por nós no futuro. *Karma* é antigo e fechado; *Dharma* é novo e aberto. *Karma* nos empurra; *Dharma* nos inspira. *Karma* é o condicionante de nossa personalidade e a causa de nossas circunstâncias materiais; *Dharma* é a espontaneidade de nossa individualidade e o propósito de nossa vida espiritual. *Karma* origina-se de nosso ego humano; *Dharma* origina-se de nosso Ser divino. *Karma* forma os Skandas de nosso ser inferior e nosso temperamento; *Dharma* é a emanção do caráter de nosso augoeides ou ser superior. *Karma* estabelece limitações; *Dharma*, possibilidades. *Karma* é horizontal; *Dharma*, vertical. *Karma* é o que São Paulo chamou de "a Lei"; *Dharma* é o que chamou de "Graça". O *Karma* opera no mundo de *Maya* ou ilusão; *Dharma* origina-se do mundo de *Satya* ou Verdade. O *Karma* é inicial e real; *Dharma*, criativo e potencial. O *Karma* cria uma rede e hierarquia de nossas vidas; o *Dharma* é o princípio da hierarquia sagrada ou unidade integral.

Como o Mestre K. H. nos recomendou, devemos estudar e nos tornar completamente familiarizados com a doutrina do *Karma*, porque ele governa o mundo de Samsara da existência objetiva no qual vivemos agora. Mas, devemos igualmente estudar e tornar-nos bem familiarizados, tanto quanto possamos, com a doutrina do *Nirvana*, porque este é o mundo da Verdade, da Bondade e da Beleza, o mundo de *Satchidananda* (Ser, Consciência e Alegria), que é nosso lugar verdadeiro. Na realidade somos seres de um reino onde toda separatividade e egoísmo, toda ignorância e avidez, todas as limitações e condicionamentos foram eliminados. Somos seres de Luz, de Amor e de Liberdade. A liberdade é essencial à nossa natureza. Qual é então nossa relação com este mundo condicionado da existência objetiva?

O mundo do *Samsara* e do *Karma* é, por assim dizer, uma rede multidimensional que se espalha diante de nós. Suas dimensões são espaço, tempo, planos e possibilidades. É um mundo de cruzamentos de realidades alternativas. Cada uma destas alternativas é completamente determinada, tem um padrão condicionado de vida. Existem porém, mais padrões alternativos do que podemos imaginar. Não há um mundo de *Samsara*, mas um número incontável destes mundos, todos existindo aqui e agora, num labirinto ou confusão de possibilidades.

Conforme percorremos a confusão *Kármica* de *Samsara*, somos obrigados a seguir o caminho diante de nós. Mas, chegamos repetidamente a ramificações neste caminho, são alternativas que se abrem diante de nós. E, embora o labirinto total esteja estabelecido e determinado, nossa escolha de qual caminho seguir na confusão, não está determinada. Nós o selecionamos.

Nossa natureza essencial é a trindade de *Atma-Buddhi-Manas*. *Atma* é a vontade, isto é, o livre arbítrio através do qual podemos achar nosso caminho no labirinto do *Samsara*. *Buddhi* é a sabedoria, discriminativa de que necessitamos para fazer nossas escolhas nas encruzilhadas. E *Manas* é a conscientização acurada com a qual executamos esta escolha.

Encontramo-nos no labiríntico mundo do *Samsara*, o mundo do *Karma*, o mundo da mente empírica, do desejo, dos condicionamentos e das formas limitadas. Mas realmente nós

pertencemos ao mundo do *Nirvana*, ao mundo do *Dharma*, que mantém e suporta, o mundo do livre arbítrio, da sabedoria que discerne e da plena atenção. Então porque Radhakrishnam disse que: "*Liberdade e Karma são dois aspectos da mesma realidade?*" A resposta para esta pergunta é simples.

Nirvana e *Samsara* não são dois lugares; eles são um só. Diferem apenas sob que ponto de vista os vemos. Vejamos, a Primeira Proposição Fundamental nos diz: "Apenas uma suprema realidade". *Nirvana* está em "nenhum-lugar" e *Samsara* está "aqui-agora", mas eles diferem apenas quando os dividimos. No *Bhagavad Gita* Arjuna aprendeu que a verdadeira liberdade está em cumprir seu próprio *Dharma*, porque este *Dharma* é nossa natureza essencial. Ao ter compreendido nosso *Dharma* e saber quem somos na realidade, saberemos como devemos agir em todas as circunstâncias; sabemos nosso *Karma*. Portanto, num certo sentido *Dharma* e *Karma* são o mesmo. Liberdade é a liberdade para agir como quisermos - sendo "nós" o real "nós", o *Atma*. E desta maneira liberdade e *Karma* são, na realidade, dois aspectos da mesma e da única realidade.

Ordem, Liberdade e Vida Diária

Quando o Mestre K. H. insistiu no estudo profundo das duas doutrinas, a do *Karma* e a do *Nirvana*, ele não estava apenas recomendando um simples exercício intelectual. Uma compreensão destes dois princípios é de grande importância para uma vida bem sucedida. Para ter uma vida produtiva e feliz precisamos de duas coisas ainda mais do que necessitamos de alimentos e abrigo.

Primeiro, precisamos acreditar que o Universo é justo e ordenado. A despeito de qualquer experiências de ordem e injustiças, que de tempos em tempos possamos ter, precisamos saber que o todo é governado pela ordem e pela justiça.

Segundo, precisamos da certeza de que não somos meros autômatos, seres condicionados que não têm opção. Apesar que quaisquer restrições que possamos encontrar, necessitamos saber que temos liberdade de escolha, a liberdade de sermos nós mesmos.

Esta confiança e garantia são a afirmação da promessa de *A Voz do Silêncio* (5), Fragmento 2: "Podes criar neste dia as oportunidades para teu amanhã". Podemos construir nosso futuro. Nós podemos fazê-lo. Com a garantia de uma ordem justa no mundo que nos cerca e da liberdade de atuar nele, podemos viver produtivamente neste mundo - este mundo do *Samsara* e do *Karma*, que ao mesmo tempo é o mundo do *Nirvana* e do *Dharma*. O poeta anglo-irlandês William Butler Yeats, que foi um estudante de H. P. Blavatsky, disse "*A Eternidade ama as produções do tempo*". Não há conflitos entre estes mundos. Shiva dança o Cosmos manifesto e imanifesto com pura alegria.

Não atingimos o *Nirvana* por retirar-nos do mundo do *Samsara*, mas antes por vivermos plenamente nele. *Nirvana* e *Karma* não são opostos, como não o são liberdade e ordem. Eles são aspectos da mesma realidade. *A Voz do Silêncio*, (Fragmento 2) diz isto em palavras memoráveis e inspiradoras apropriadas para finalizar este breve comentário sobre o relacionamento entre Karma, Ordem e Liberdade:

"Deves te abster de agir? Não é desta forma que tua alma ganhará liberdade. Para atingir o Nirvana deves ter Auto-Conhecimento, e Auto-Conhecimento é o resultado de ações amorosas."

Notas

- (1) Obra de Helena P.Blavatsky editada pela Editora Pensamento (São Paulo, SP). [Voltar](#).
- (2) Editado pela Editora Teosófica (Brasília, DF - 1991). [Voltar](#).
- (3) (H.P. Blavatsky, to the American Convention, Pasadena, CA., Theosophical University Press, 1979, p. 22). [Voltar](#).
- (4) Revista Path, março de 1893, p. 366. [Voltar](#).
- (5) Obra de Helena P.Blavatsky editada pela Editora Pensamento (São Paulo, SP). [Voltar](#).

(Extraído da revista The Theosophist, fevereiro de 1999.)

Tradução: Izar G. Tauceda - Membro da Sociedade Teosófica pela Loja Jeoshua, de Porto Alegre-RS)